

## AS MARGENS DO DISCURSO

Profa. Dra. Lucília Maria Sousa Romão-  
Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão  
Preto, Universidade de São Paulo

*“ Eu fiquei aqui, de resto. (...) Eu permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei- na vagação, no rio no ermo- sem dar razão de seu feito.” – João Guimarães Rosa*

Face ao título desse evento, *“Michel Pêcheux e Análise de Discurso: uma relação de nunca acabar”*, e aos sentidos que me tomaram durante a releitura do livro *“Discurso: estrutura ou acontecimento”*, me permiti a seguinte navegação poética.

*“Margem da palavra/ Entre as escuras duas/ Margens da palavra/ Clareia, luz madura/ Rosa da palavra/ Puro silêncio, nosso pai”*, Caetano Veloso poetiza o conto *“A terceira margem do rio”* de Guimarães Rosa, cobrindo *“as escuras duas margens da palavra”* com atributos de claridão e opacidade, fixação e errância. Na narrativa, o conflito se desenrola entre as margens de um rio, no entre-meio de dois pontos de referência geográfica, que situam os personagens e aguçam o dilema experimentado pela família, que vê o pai comprar uma canoa e esfumaçar-se ao longo do corpo do rio. Peço emprestadas as duas obras para ressignificá-las à luz dos conceitos teóricos de estrutura, acontecimento e memória discursiva, tais como MICHEL PÊCHEUX (1988) os entende.

Em uma das margens, posta-se o filho na espera silenciosa de anos com a mudez da saudade nos olhos, nas mãos e nos cabelos brancos, cansado de incompreensão. Trata-se da beira familiar, que lhe é própria desde a infância. Nela, o personagem pisa e esboça o contorno dos sentidos já vistos e legitimados pela estrutura, que sustenta a espera, que anseia o mesmo ponto de observação e constrói um mirante sempre igual. A canoa faz sempre o trajeto conhecido, cumpre o mesmo e previsível riscado; assim, o rio é desenhado pelas rotas e

remares já conhecidos. Faço desta margem uma metáfora: nela configura-se o lugar estabilizado das normas que cercam o sentido e que domesticam a repetição. Ao circunscrever o mecanismo que estrutura a ordem da língua e a regularidade dos sentidos sob a regência da ideologia, ficaria estabelecido o eterno retorno do mesmo e a fixação da paráfrase.

O conceito de estrutura, proposto por PÊCHEUX, indica que a ideologia tece e a língua materializa uma ordem estabilizada, cuja garantia é a manutenção de sentidos dominantes, que parecem não passíveis de quebra. Entretanto, ao mesmo tempo em que uma ordem se fixa e engessa um sentido como se ele fosse único, há outras possibilidades de dizer que se movem, resistem, subvertem e convulsionam a estrutura.

O acontecimento discursivo, tal qual a AD o compreende, embrenha-se na zona fronteira e opaca das coisas não ditas, que podem vir a ser. A outra margem do rio, na narrativa do/da *“Rosa da palavra”*, bem me serve de metáfora. A margem de lá (do acontecimento), menos ordinária, broca a estrutura, explodindo em sentidos nada previsíveis, navegantes a esvoaçar suas peles em rotas originais. A canoa joga os remos em desvios, equívocos, alterações e desarranjos, em cuja materialidade lingüística aparece o relevo de novos lugares de significação. O distante e afastado da regularidade emergem como atalho para novos regos d’água, adentrando igarapós de deslocamento e embocaduras de deslizos. Um vulto de homem em pé na canoa, seu aceno e sua voz estão prestes a irromper sempre de maneira diferente, de modo enigmático e nada previsível. Sob o efeito do desejo e da espera, o filho busca a figura do pai que partiu, mas encontra o “ao-longe” com indícios novos e com difusa deformação daquele que era seu pai e que retorna como um outro sempre sombreado pela diferença, mudança e estranhamento. O acontecimento, qual a margem de lá espreita o vir-a-ser do sentido, sustenta um rosto com feições adulteradas e inventaria uma série de possibilidades no escuro da sua lonjura. PÊCHEUX (op.cit., p.51) compreende o acontecimento da seguinte maneira:

*“(...) todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se*

*deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, lingüisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse lugar que pretende trabalhar a análise de discurso.”*

Entre as duas margens propostas por PÊCHEUX (op.cit.), existe um movimento basculante de retorno ou ruptura, capitaneado pela ideologia e embasado na/pela memória. A superfície discursiva, sobre a qual se edifica o mesmo ou irrompe o estiramento do novo, é a terceira margem do discurso. Dentre tantas pétalas de efeito que o conto de Guimarães Rosa é capaz de despertar, realço uma linha imaginária, que transita de uma beira a outra do rio. A figura masculina em pé na canoa embrenha-se por todos os espaços, constituindo-se na/pela matéria fundante das longas esperas; presença espalhada. Fluída imagem de aparição sempre constante. O embaçado dos gestos do pai aflora a configuração de uma não-margem, que se assenta para além dos limites da vagação; que esconde vestígios na mesma medida em que revela relances, perfis e tomadas novas. De maneira parecida, a memória é a superfície discursiva, onde vaga o trajeto da canoa do sujeito enunciadador; onde emergem rotas tantas, onde se cristaliza o sentido único e/ou deslizamentos de campos semânticos.

As três margens da narrativa do Rosa da palavra delimitam o trajeto do pai na canoa e do filho no mirante e são responsáveis pelas sombras e névoas que povoam de opacidade o dizer e o silêncio de ambos. Presença na ausência, uma presença ausente como MICHEL PÊCHEUX, que reverbera em cada trabalho da análise de discurso de modo novo e sempre outro, que ramifica a figura do pai que se foi para sempre na canoa do rio, mas que deixou - nas beiras, nos entremeios e nas margens - seus filhos teóricos a rastrear o trânsito das águas.

## **Referências Bibliográficas :**

PÊCHEUX, Michel. *O discurso estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1997

ROSA, Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A., 1995

VELOSO, Caetano. *Letra só*. São Paulo: Cia das Letras, 2003